

A RELAÇÃO MESTRE-ALUNO NA CAPOEIRA ANGOLA CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO, A PARTIR DOS ESTUDOS DO IMAGINÁRIO

ANGELITA HENTGES¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES³

¹GEPIEM – PPGE - FAE - UFPEL – angelitahentges@yahoo.com.br

³GEPIEM - PPGE - FAE - UFPEL – lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Apresento uma investigação sobre a relação do *mestre* e seus alunos na Capoeira Angola, alicerçada no referencial teórico dos estudos sobre o Imaginário, de Gilbert Durand(2002, 1988) e suas implicações para a educação, a partir de Teixeira e Araújo(2011) e Gusdorf(1967). Neste referencial teórico o ser humano é entendido como um *animal symbolicum* e não *rationale*(CASSIRER, 2004), e a imaginação simbólica, como uma potência criadora, que impulsiona o *antropos* em seu trajeto existencial. Para Durand(2002, 1988) os símbolos organizam-se em constelações estruturadas em dois Regimes: um Noturno e um Diurno. O mito aparece numa simbólica de Regime Noturno, especialmente nas Estruturas Sintéticas, como uma narrativa, que enlaça a fé religiosa ou mágica, e como *música, à qual se acrescenta um sentido verbal, como uma encantação, e, por ele, tem-se a capacidade mágica de mudar o mundo* (DURAND, 2002, p 361).

A pesquisa objetiva reconhecer os traços míticos que enlaçam a relação entre o *mestre* e seus alunos na Capoeira Angola. Entendo a Capoeira Angola como um espaço/tempo não linear, que possibilita ao ser humano reconhecer-se na comunidade que vive num processo de aprender a “ser – estar” no mundo, que envolve artes, música, educação, luta e saúde (BARBIERE, 1993, p. 109-112). A capoeira foi forjada no Brasil, nasceu da prática dos escravos africanos e mestiços e transformou-se de luta a jogo, a esporte e à resistência cultural. Atualmente pode ser praticada por todos, de ambos os sexos e de diferentes classes sociais. Ela teve uma expansão internacional na década de

80, sendo em 2008 reconhecida como Patrimônio Imaterial Brasileiro (IPHAN, 2008), e na contemporaneidade é praticada por *centenas de milhares de pessoas pelos cinco continentes* (VIEIRA e ASSUNÇÃO, 2007, p 09).

As rodas de Capoeira Angola são espaços de formação popular, portanto criadoras de uma educação além da escola. Elas resistem como espaço sagrado de re-ligação aos valores ancestrais africanos e afro-brasileiros que a sustentam (ACCURSO, 1995). Em suas rodas encontra-se uma *reunião de potências interiores* que restituem a *um espetáculo primordial* (ALLEAU, 1976, p 40), através de seus gestos, seus cantos, suas performances, próprios da simbólica que a constitui.

O mestre é figura central, considerado como guardião da roda. Um *mestre*, só se torna *mestre* quando é “formado” por outro e reconhecido pelos demais e seus alunos, sem um tempo definido para que isso aconteça. Nisto se aproxima do que Gusdorf (1967) coloca acerca de que o mestre existe na relação com seus alunos/discípulos. Não se faz um mestre solitário, ele é acima de tudo alguém que goza de uma autoridade além da que os alunos destinam aos professores. É uma autoridade que emana daquilo que ele representa como ser humano, para além do ofício que ensina. Para o autor a relação que se estabelece entre mestre e aluno/discípulo é uma dimensão fundamental do mundo humano.

Esta investigação acontece nas rodas de Capoeira Angola e com cinco integrantes da Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia (ACCARA), que tem como fundador o *mestre* Ratinho. O grupo existe há dezoito anos e reúne-se semanalmente em Porto Alegre e São Leopoldo, e esporadicamente em Pelotas. Conta com quinze integrantes, com algumas variações, mas mantém quatro integrantes, além do *mestre*, desde sua fundação.

2. METODOLOGIA

O reconhecimento dos traços míticos que emergem da relação entre o *mestre* e seus alunos na Capoeira Angola exige um exercício hermenêutico que consiste em buscar por aquilo que se repete, pela redundância das

imagens, pelos mitemas, que compõem as narrativas míticas. A pesquisa baseia-se perspectiva etnográfica (GEERTZ, 2007) de investigação, para a qual a descrição densa é condição primordial para o pesquisador adentrar profundamente no ambiente objeto da pesquisa.

A investigação centra-se na descrição das rodas de Capoeira Angola do ACCARA, e em conversas/entrevistas com os quatro integrantes mais antigos do grupo, além do *mestre* Ratinho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Já assisti a três rodas de capoeira do grupo ACCARA. Duas em dois mil e doze e uma em dois mil e treze. Todas em situações festivas do grupo, por ocasião do aniversário e da Semana da Consciência Negra. Os encontros foram filmados e fotografados. Não é possível descrevê-la neste texto, mas posso apresentar como discussão que nas rodas que assisti não se percebe jogos individuais, em que este ou aquele desponta isoladamente, ao contrário, há uma harmonia, ou um *axé*, como dizem os angoleiros, que enlaça a todos e embala a roda. O mestre é quem orchestra, cuida do todo, mas não só ele, todos ali são responsáveis pela existência coletiva em roda, e pela manutenção do *axé*, *poder em estado de energia pura* (VERGER, 2002, p. 18). Aproximo a figura do mestre, a partir destas rodas com a figura dos *Éguns*, denominados por Santos (2008) como concretos e reais no Candomblé, patriarcas e genitores humanos, cultuados em datas e lugares diferentes, eles interiorizam a pertença a uma estrutura social limitada, que regulam as relações ente os humanos como a ética, a disciplina e a moral de um grupo.

4. CONCLUSÕES

A educação pode aprender com a Capoeira Angola, especificamente na forma como o mestre de capoeira e seus alunos se relacionam no processo de aprendizagem. Nesta investigação percebo a importância de um entrecruzamento, entre o campo de uma cultura popular, onde a Capoeira Angola permanece, e a educação que se faz na escola. É uma discussão que

fértil para o campo pedagógico, tornando central o que para a capoeira angola é importantíssimo, ou seja, o entendimento de mundo e das relações dos humanos com a sua ancestralidade, possibilitando ao capoeirista encontrar e definir os contornos de seu caminho.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCURSO, Anselmo da Silva. Capoeira: um instrumento de educação popular. Porto Alegre, (produção independente), 1995.

ALLEAU, René. A ciência dos símbolos. Contribuição ao estudo dos princípios e dos métodos da simbólica geral. Lisboa: Edições 70, 2001.

BARBIERE, Cesar. Um jeito brasileiro de aprender a ser. Brasília: DEFER/GDF-CIDOCA, 1993.

BASTIDE, Roger. O Candomblé da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRANDÃO, Carlos R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CASSIRER, Ernest. A Filosofia das Formas Simbólicas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. A Imaginação Simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.

DOSSIÊ - Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil capturado em
<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/indexE.jsf/>
<http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/patrimonio-brasileiro/material-e-imaterial>

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1ed. 13 reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUSDORF, Georges. Professores para quê? Lisboa: Morais Editora, 1967.

SANTOS, Juana Elbein. Os Nàgó e a Morte. São Paulo, 2008.

TEIXEIRA, M Cecília Sanchez. ARAÚJO, Alberto Filipe. Gilbert Durand: imaginário e educação. Niterói: Intertexto, 2011

VIEIRA, Luiz Renato. ASSUNÇÃO, Matthias R. Los Desafios contemporâneos de la capoeira. Textos de Brasil, Capoeira. n 14. Ministério das relações Exteriores. Ed Teixeira, 2007.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo. 6ª Ed. Salvador: Corrupio, 2002.

SIMÕES, Rosa Maria Araújo. La performance ritual de la rueda de Capoeira Angola. Textos de Brasil, Capoeira. n 14. Ministério das relações Exteriores. Ed Teixeira, 2007.

ROSA, Allan Santos da. Imaginário, Corpo e Caneta: Matriz Afro-brasileira na educação de jovens e adultos. Universidade de São Paulo: dissertação de mestrado, 2009.